

S E R

P R O F E S S O R

D E

G E O G R A F I A

H O J E

Trechos do discurso de Antônio Cesar de Barros Munari, orador dos licenciandos de Geografia de 1985, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

Hoje termina uma luta de seguramente mais de 14 anos. Para alguns de bem mais tempo. Hoje é o dia em que a licenciatura em Geografia, de objetivo, passa a realidade. Gostaria que estes anos de convívio fossem lembrados, principalmente, pelo que de bom aconteceu. Pelas amizades que fizemos e pelas coisas que aprendemos. Que os desentendimentos acontecidos durante o curso sejam esquecidos, mesmo porque, quero esclarecer, a maior parte desses desentendimentos surgiu de uma democracia levada às últimas conseqüências. Democracia essa levada a efeito às vezes até contra a nossa vontade, afinal ninguém é perfeito. Como os limites entre uma democracia desse tipo e intensidade e a anarquia são muito vagos, às vezes até confusos, vocês podem imaginar como eram as nossas discussões. Voltando, porém, ao tema inicial, que todo mundo guarde, como recordação deste curso de Geografia, a fé, o otimismo, a espontaneidade, a alegria, a amizade e a crescente vontade de aprender.

Chegados a este momento, alguns entre nós estão dando por encerrada a guerra. Outros entendem que a penas venceram uma batalha. Não vou ficar discutindo a respeito de batalhas e guerras, por que isso já temos de sobra. Devo chamar a atenção para a nova realidade que a partir de hoje oficialmente passamos a viver: a de professores de Geografia.

Talvez nem todos aqui pararam para pensar no peso da responsabilidade que estamos assumindo hoje. A Geografia, apesar das indefinições conceituais, está em tudo. Tudo o que existe neste planeta e que ocupa espaço é geográfico e, portanto, da nossa área de ação. É empolgante ter o mundo inteiro como objeto do nosso trabalho, principalmente se considerarmos que teremos a chance de trabalhar para o futuro, junto ao adulto de amanhã. O mundo está caótico: os espaços mal divididos e mal explorados; as pessoas muito divididas e muito exploradas; o pobre mais pobre; o rico mais rico e em número cada vez menor; o forte mais forte e o fraco mais fraco. Temos aí a explosão demo

gráfica descontrolada; a guerra mal encoberta; a economia mundial desequilibrada e a fome agravando tudo isso. Este nosso planeta está parecendo literalmente um barril de pólvora. Pólvora essa tanto atômica quanto social. E tudo isso se manifesta no espaço, se manifesta no dia a dia tanto do Reagan quanto do João. "Estamos todos no mesmo barco", repetindo Saint-Exupéry.

E nós, profissionais da Geografia? Precisamos mostrar competência, nem que tenhamos que lutar muito para mostrar que a Geografia é prática, útil, viável, imprescindível para a solução dos problemas do mundo. Cabe a nós, profissionais da Geografia, alterar a mentalidade no espaço geográfico das pessoas, em todas as partes. Cabe a nós consertar este planeta. Loucura? Impossível? Os jovens são vazios! São os argumentos mais comuns. Mas a eles posso apresentar três respostas: "A loucura é a chama que não deixa o juízo apodrecer". "Há muitos jovens vazios por que há poucos adultos transbordando". "Sejamos realistas, exijamos o impossível". Não são frases originais, mas se forem levadas a sério, podem ajudar bastante.

Não podemos deixar os problemas e as dificuldades nos imobilizarem, já que, definitivamente, ninguém recebe a cruz maior que o ombro. Se o problema da humanidade é tão complicado, vamos descomplicar e matar o mal pela raiz. A solução, bastante óbvia, por sinal, apareceu neste fim de ano, numa lembrança que uma nossa professora distribuiu à classe. Ali estava escrito: "...O grande e decisivo problema é exatamente este: RECOMPOR O HOMEM.". Recompôr o homem é o problema, mas é também a solução. Como ninguém é menor que os seus objetivos, vamos ser do tamanho do nosso e iniciar essa reconstrução, a partir de nós mesmos. Vamos querer sempre o impossível, para conseguir todo o possível. Isso não é sonho. É idealismo, justamente o que falta nas pessoas, hoje em dia. Parece até que está na moda não cultivar seriamente ideais. Vamos lançar então essa nova moda e assumir as nossas novas

responsabilidades. Não vamos olhar para trás, procurando o que os outros fizeram. Não vamos nos comparar com ninguém, mas sim procurar fazer o melhor, se não correremos o risco de sermos cúmplices de tudo o que existe de errado por aí. Vamos, isso sim, olhar para a frente. Afinal, o mundo nos espera.

-----*-----